

PROMOÇÕES

MINHAS COMPRAS

BUSCA

AUTORES

ASS

SERVIÇOS

título

OUTRAS NOTÍCIAS

23.11.2006

Lúcia Nagib analisa a utopia
no cinema brasileiro

17.11.2006

O jazz na intimidade:
Ao vivo no Village Vanguard

06.11.2006

Coletivo: 36 projetos de arquitetura
paulista contemporânea

23.10.2006

O volume do silêncio reúne contos
de João Carrascoza

18.10.2006

Edição de Cinema Político Italiano -
anos 60 e 70 é destaque na 30ª Mostra de
São Paulo

09.10.2006

León Ferrari: retrospectiva em livro
e exposição

06.10.2006

Crônicas da província do Brasil inicia
a publicação da prosa de Manuel Bandeira

03.10.2006

A fotografia de Klaus Mitteldorf em *Introvissão*

02.10.2006

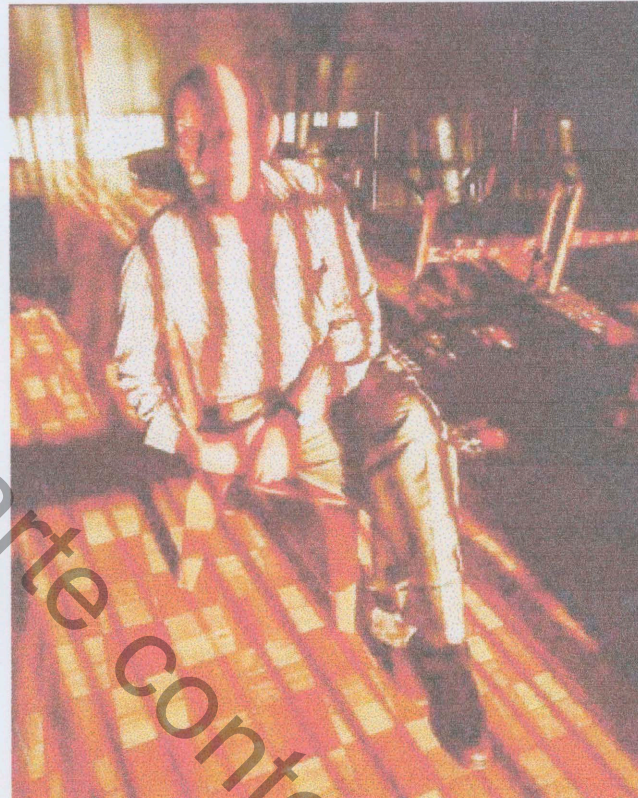
Diálogos com Leucó é filmado
por Huillet e Straub

29.09.2006

Pensar com tipos: Teoria e prática do design

Veja aqui mais notícias

Livros mais vendidos em outubro



Hércules Barsotti em seu apartamento, na década de 1990. Foto: Pablo di Giulio

BARSOTTI FALA SOBRE SEU COMPANHEIRO DO MOVIMENTO NEOCC

Entrevista para Célia Euvaldo e Alvaro Machado

A Cosac Naify lança no dia 10 de dezembro próximo, na Pinacoteca do Esta Paulo, às 11h, a primeira monografia de um dos principais artistas do movim neoconcreto de São Paulo, Willys de Castro (1926-88). Hércules Barsotti, 91 parceiro de ateliê de Willys por várias décadas a partir dos anos 1940, recor entrevista os tempos de colaboração artística.

O livro, com projeto gráfico de Rodrigo Andrade e versão bilingüe (português contou com patrocínio da empresa McKinsey & Company.

O senhor manteve, em São Paulo, um ateliê conjunto com Willys de Ca durante muito tempo. Poderia nos contar algo do processo de trabalho' opiniões mutuamente sobre as obras que faziam nesse local?

Digamos que nós conversávamos dentro do mesmo ambiente artístico. Troc algumas idéias, mas cada um fazia o seu trabalho.

Como começaram a trabalhar juntos?

Nós montamos um ateliê no centro, na rua Santa Isabel, perto da Santa Cas:



1 *Histórias fantásticas*

[Veja detalhes do livro](#)

2 *Crônicas da província do Brasil*

de Manuel Bandeira

3 *Pensar com tipos*

de Ellen Lupton

4 *Contos completos*

de Virgínia Woolf

5 *Fashion design - Manual do estilista*

de Sue Jenkyn Jones

6 *Cinema político italiano: anos 60 e 70*

de Angela Prudenzi e Elisa Resegotti

7 *Calder no Brasil*

de Roberta Saraiva (org.)

8 *Arquitetura do século XX*

de Gregori Warchavchik

9 *Uma nova agenda para arquitetura*

de Kate Nesbitt (org.)

10 *Rasura*

de Luiz Zerbini

Misericórdia. Conheci o Willys porque ambos freqüentávamos reuniões de pessoas interessadas em música nova [grupo Ars Nova], na casa do dentista Klaus D Wolff. Tanto eu como ele gostávamos muitíssimo de música e também pintar. Então decidimos fazer um ateliê juntos, porém cada um com seu trabalho.

Quem eram os mestres então? Que artistas admiravam na pintura da época?
Não havia bem figuras que considerávamos "mestres".

Os senhores eram autodidatas?

É, justamente.

O senhor acha que a obra do Willys está bem conservada?

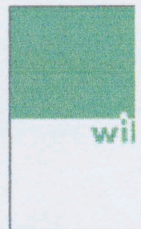
A Raquel [Arnaud] Babenco fazia nossas exposições, mas em determinado momento resolvi doar todo o acervo guardado comigo após a morte de Willys para a Prefeitura do Estado de São Paulo. Dessa maneira, criou-se uma sala especial para ele, chamada "Willys de Castro". Está bem montada, o artista Macaparana ajudou a fazer as principais obras do Willys estão na Pinacoteca.

O senhor guardou em sua casa alguma peça favorita, que traz boas lembranças?

Eu tenho um *Objeto ativo* dele na minha parede da sala. Essa foi uma idéia que ele saiu fora do normal, e então fiquei com essa peça admirável. A Pinacoteca tem o *Cubo* também dessa mesma fase, muito bonito.

Em termos de fases, quais períodos o senhor acha mais significativos na trajetória de Willys?

Na verdade, quando nós começamos havia as Bienais. Contudo, creio que a segunda edição da Bienal Internacional de São Paulo chegou a cancelar nossa participação, recusou nossos trabalhos.



[veja ficha técnica e link para comprar neste site](#)

Mas por quê? Havia tanta afinidade com a linha de exposição, com os objetivos do evento etc.

Não sei, mas recusaram... Depois comparecemos a outras que nos aceitaram tudo em ordem.

Os senhores fizeram muitas exposições conjuntas?

Sim, fizemos diversas. Com trabalhos dos dois houve muitas no Rio, na Petrópolis, bem como na galeria do mesmo nome em São Paulo. Essa era a galeria do IAC, de Franco Terranova. Tivemos muito sucesso quando começamos, apesar de, com o tempo, as pessoas não darem muita bola para as artes plásticas, especialmente a arte abstrata.

Vocês viajavam para a Europa para conhecer os movimentos artísticos?

Nós viajamos sim, mas não chegamos a fazer exposições fora do país. Estive muito tempo na Itália, para conhecer um pouco o mundo. Fomos também à França, Turquia...

Quais os trabalhos de Willys que mais aprecia?

São os *Objetos ativos*, como esse que possuo. Acho que era uma idéia nova para a época, um conceito que não existia e que ele introduziu.

Que artistas aproveitaram essa idéia depois? O senhor conhecia o Hélio Oiticica?

Não sei dizer se influenciava. O Hélio Oiticica estava no Rio nessa época, mas tínhamos contato, ele chegava a ir ao nosso ateliê. Porém ficava por aí.

Então o movimento Neoconcreto de São Paulo não era assim tão isolado grupo carioca?

Não acho que fossem isolados.

Com quais artistas o senhor se relacionava na época?

Com o grupo Neoconcreto, justamente. Conhecemos bastante a Lygia Clark, Hélio Oiticica, e assim por diante. No início de nosso ateliê, lembro-me que A Volpi nos visitava, e me parece que sua pintura mais abstrata se acentuou justamente a partir dessa época.

Há alguma exposição sua sendo organizada?

Não, já fiz a minha última, eu acho. Porque agora minha vista está um pouco embaçada e não consigo mais desenhar nem pintar direito. Meus últimos trabalhos do ano passado [2004], feitos para uma exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

O senhor e Willys de Castro realizaram várias intervenções em termos aplicadas, coisas como vitrais, tecidos...

Sim, cheguei a fazer algo nesse sentido, um vitral para o Mosteiro de São Bento nos anos 90. Mas os monges acabaram não executando esse projeto. Eu e Willys desenhávamos sobre tecidos. Os vestidos que fizemos com as estamparias criamos encontram-se hoje no acervo do Museu de Arte de São Paulo. Fazia desenhos e costureiros famosos executavam as roupas. Eram encomendas tecelagem Rhodia. Lembro-me de um famoso desfile no parque Ibirapuera, muito aplaudido, creio que foi no ano do Quarto Centenário de São Paulo [1954]. A entrada era com uma capa fechada, que então abria para mostrar um vestido muito branco. Lembro-me até hoje que todos ficaram em pé para aplaudir, acharam que fez muito sucesso. E depois apareceram outras roupas, de outros artistas também, tudo promovido pela Rhodia.

O senhor também executava projetos de artes gráficas?

Quem fazia muito mais que eu era o Willys: cartazes, livros, capas, logotipos. Outros artistas não se lançam tanto por esses terrenos.

VOLTAR